

O contexto cubano pós-revolução de 1959 em *O Lobo, o Bosque e o Homem Novo*, de Senel Paz

Rosani Úrsula Ketzer Umbach & Ana Paula Cantarelli
UFSM / CNPq & UFSM
rosani.umbach@ufsm.br & aninha@mail.ufsm.br

Ele age do jeito que é, do jeito que pensa. Ele se move com uma liberdade interior que eu bem que gostaria de ter, eu, que sou militante.

(PAZ, 1994, p. 55)

RESUMO: Este trabalho apresenta uma breve análise do conto *O lobo, o bosque e o homem novo*, publicado em 1990 pelo escritor cubano Senel Paz. A análise realiza uma aproximação entre a ficção e a história, identificando como tais questões estão presentes no conto e em que medida constituem uma crítica às posturas adotadas pelo governo revolucionário instituído em Cuba em 1959. O texto de Paz, ao realizar a associação entre a ficção e a história desse país, possibilita uma percepção da atmosfera cubana pós-Revolução através da visão de David, um narrador em primeira pessoa formado a partir dos ideais revolucionários.

PALAVRAS-CHAVE: Senel Paz. Ficção e história. Cuba. Revolução. Exílio.

ABSTRACT: This work presents a brief analysis of the short story *El lobo, el bosque y el hombre nuevo*, published in 1990 by the Cuban writer Senel

Paz. The analysis approximates fiction to history, identifying how these questions occur in the short story and at what degree they constitute a critic of the revolutionary government established in Cuba in 1959. Paz' text, in doing the association between fiction and history of this country, provides an insight into the Cuban post-revolutionary atmosphere through the vision of David, a first-person narrator formed from the revolutionary ideals.

KEYWORDS: Senel Paz. Fiction and history. Cuba. Revolution. Exile.

Introdução

O ano de 1959 tornou-se um marco na história da América Latina. A Revolução cubana ficou conhecida como um exemplo bem sucedido de levante popular, mudando para sempre a trajetória daquela ilha localizada no norte do Mar do Caribe. O novo governo promoveu diversas mudanças na organização do país, das quais podemos apontar como mais significativas as que se desenvolveram nos setores econômico, educacional e de saúde pública. E, embora os primeiros anos tenham sido prósperos, logo os problemas começaram a surgir.

O bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, obrigando muitos países a romperem ou a evitarem relações comerciais com Cuba, ocasionou grandes dificuldades para o novo governo. Mas, provavelmente, o que mais frustrou a população foi a maneira como o governo conduziu suas propostas nas décadas posteriores à tomada do poder. A conduta assumida em relação aos homossexuais; a proibição da publicação e da circulação de obras artísticas que não atendessem aos interesses da Revolução; a proibição da expressão das crenças religiosas; e a priorização das áreas do saber relacionadas às ciências e à matemática em

detrimento de outras despertaram a antipatia de grande parte da população, afinal o programa que inicialmente “buscava atacar os problemas da ausência de liberdade e de democracia, da terra e das condições de vida precárias da maioria da população, melhorando o acesso à moradia, ao emprego, à educação e à saúde” (AYERBE, 2004, p. 31), havia se convertido em um programa nada democrático e impositor de seus desígnios.

Em 1990, quando *O lobo, o bosque e o homem novo*, de Senel Paz, foi publicado, muita coisa já havia mudado desde 1959, e muitas das imposições e preconceitos governamentais já haviam sido amenizados e até mesmo superados. Entretanto, no final da década de 1970, período em que o conto está ambientado, essas questões estavam muito latentes. Assim, este artigo pretende realizar uma aproximação entre a ficção e a história, identificando como tais questões estão presentes no conto analisado e em que medida constituem uma crítica às posturas adotadas pelo governo revolucionário.

1. Como não falar da Revolução

Falamos, hoje, de Revoluções no cenário latino-americano e não mencionarmos a Revolução Cubana (1959) é impensável. A Revolução liderada pelos irmãos Castro (Fidel e Raul) e pelo conhecido guerrilheiro Ernesto Guevara de la Serna (Che Guevara) tornou-se um exemplo de sucesso em termos de estratégia política centrada na luta armada. Quando um pequeno grupo de guerrilheiros opôs-se às forças repressivas de um governo antipopular, desencadeando um processo de transição socialista, muitos grupos rebeldes de outros países viram em Cuba um modelo a ser seguido.

Embora saibamos que a Revolução de 1959 tem profundas raízes na trajetória histórica nacional, não nos deteremos, neste artigo, em abordar o contexto histórico que começou a delinear-se no período independentista (Cuba foi a última colônia da América Latina a libertar-se da Espanha), e que preparou gradualmente o cenário para a tomada do poder pelos guerrilheiros, por dois motivos. Primeiro, porque nos alongaríamos demais e segundo porque nosso foco consiste nas propostas defendidas pela Revolução de 1959 e no seu desenvolvimento nas duas décadas posteriores – até 1979, ano em que se desenvolve o enredo do texto que estamos analisando. Então, apenas faremos breves apontamentos sobre os acontecimentos ocorridos desde 1952, quando Fulgencio Batista, após um golpe militar no qual era líder, assumiu o governo, interrompendo oito anos de uma tênue democracia.

Com a assunção do poder por Batista:

Fechou-se o caminho da política institucional para inúmeras lideranças que apostavam na legitimidade do sistema como premissa para o encaminhamento das mudanças socioeconômicas de que o país necessitava. Entre essas lideranças, destacava-se Fidel Castro, candidato a deputado pelo Partido Ortodoxo às eleições de 1º de junho, anuladas por Batista. (AYERBE, 2004, p. 26)

A ditadura imposta por Batista serviu como o “detonador” de um movimento oposicionista. A indignação pela anulação das eleições deu lugar à formação de movimentos de resistência que passaram a colocar a luta armada como principal método de ação política, uma vez que tinham a convicção de que o retorno

da normalidade democrática passaria necessariamente pela derubada do regime de Batista. À medida que a resistência ganhava terreno, a figura de Fidel ganhava destaque. Muitos jovens, militantes e simpatizantes juntaram-se a ele e a Raul, defendendo os mesmos ideais. Em 1953, guerrilheiros instruídos pelos irmãos Castro atacaram o quartel de Moncada, em Santiago, esperando deflagrar a insurreição geral. Contudo, “o ataque resultou em um fiasco, muitos ativistas foram mortos” (ALMOND, 2003, p. 157) e os irmãos Castro foram capturados:

Condenado a vários anos de detenção, em 16 de outubro [Fidel] pronuncia sua defesa por meio do documento *A história me absolverá*, no qual expõe detalhadamente os objetivos da ação insurrecional, considerada como legítimo direito garantido pela Constituição de 1940 contra a usurpação do poder por um governo ilegítimo. O documento também apresenta o programa de transformações políticas, sociais e econômicas que orientaria o governo posterior à derrubada de Batista. (AYERBE, 2004, p. 30)

Em *A história me absolverá*, há ainda a proposta de um conjunto de cinco leis revolucionárias, a demonstração da preocupação com a precariedade da estrutura industrial, a denúncia das condições de pobreza e subdesenvolvimento de um país desigual, entre outras coisas. Somente em 1955, Fidel e Raul foram soltos¹.

¹ A soltura dos dois presos deveu-se à tentativa de Batista de melhorar sua imagem na América, uma vez que havia forte pressão popular para a anistia dos presos e Batista tinha o interesse de legalizar seu regime - já havia convocado eleições em 1954, concorrendo como único candidato.

Livres, os Castro foram para o México, onde se aliaram a Ernesto Guevara e a outros oitenta guerrilheiros, retornando a Cuba no ano seguinte com o objetivo de iniciar a luta armada. Entretanto, no primeiro embate contra as forças de Batista, os revolucionários saíram em desvantagem, perdendo muitas vidas. Os que restaram instalaram-se em Sierra Maestra para se reorganizarem, conseguindo esquivar-se das tentativas de Batista de eliminá-los. Como a insatisfação em Cuba crescesse em relação ao governo de Batista, os revolucionários começaram a contar com o apoio da população tanto rural quanto urbana, ampliando o contingente de revoltosos e tornando mais frequentes os embates com os exércitos governamentais, até que, na festa de *réveillon* de 1958 para 1959, com a fuga de Batista, assumiram o governo da ilha².

O povo depositava no novo governo todas as suas esperanças de melhores condições de vida. Quando Fidel assumiu o poder, muitas das propostas de governo feitas em *A história me absolverá* foram retomadas e postas em prática. Um dos grandes êxitos alcançados pela Revolução, como aponta Dettman (2006), foi “proporcionar educação, comida e serviços médicos a todos os setores da sociedade”³. Antes da Revolução, “em 1958, quase metade das crianças cubanas não recebia educação alguma, e 24% dos adolescentes e adultos era analfabeto”⁴ (DETTMAN, 2006).

² Logo após a fuga de Batista, enquanto os guerrilheiros liderados pelos irmãos Castro e por Che Guevara marchavam das montanhas para a capital, para suprir a ausência de um governante foram nomeados um presidente e um primeiro-ministro temporários até que Fidel Castro pudesse assumir o poder formalmente como chefe de Estado.

³ Tradução nossa: “proporcionar educación, comida y servicios médicos a todos los sectores de la sociedad”.

⁴ Tradução nossa: “en 1958 casi la mitad de los niños cubanos no recibió educación algu-

Durante toda a década de 1960, o sistema educativo em Cuba viveu um período de reforma e de expansão: ocorreram campanhas de alfabetização, aumentaram o número de escolas e o currículo foi alterado para “ênfatizar as áreas que o governo considerava mais importantes para o desenvolvimento econômico do país – as ciências, a matemática, a agricultura e a engenharia”⁵ (DETTMAN, 2006). Muitos cubanos de origem pobre da zona rural e urbana puderam, então, frequentar a escola e a universidade. Também ocorreu uma redução no preço dos alimentos e um aumento dos salários o que possibilitou uma melhoria no nível nutricional da população. Quanto à saúde, Cuba chegou a ser reconhecida pelo número e pela qualidade de seus médicos. Gratos pelas oportunidades recebidas, os jovens eram estimulados a formarem associações comunistas em defesa dos ideais propostos pela Revolução.

Para se certificar de que tais ideais realmente triunfariam – sem serem sequer questionados –, o governo passou a proibir a circulação de livros que fossem considerados ofensivos à Revolução, sendo estimulada somente a leitura de publicações que referendassem o regime governamental adotado e exaltassem o Marxismo. Até o princípio dos anos 1990, também as manifestações religiosas foram reprimidas, pois tanto o catolicismo como o candomblé – religiões mais comuns em Cuba - eram considerados incompatíveis com o pensamento materialista dialético.

na, y el 24 por ciento de los adolescentes y adultos era analfabeto”.

⁵ Tradução nossa: “para ênfatizar los campos que el gobierno consideraba más importantes para el desarrollo económico del país: las ciencias, las matemáticas, la agricultura y la ingeniería civil”.

1.1 O combate à homossexualidade pela Revolução

A sociedade cubana foi reconhecida durante muito tempo pelo seu caráter marcadamente patriarcal e com o novo governo não foi diferente. Já no princípio da década de 1960, este demonstrou grande desdém pelas prostitutas e pelos homossexuais que viviam principalmente da indústria turística de Havana, tratando-os como “feridas” desagradáveis que maculavam a imagem da Cuba revolucionária, adotando medidas repressivas para eliminá-los: “Em 1962, na ‘noite dos três P’, prostitutas, proxenetas e ‘pássaros’ (palavra depreciativa para homossexual) foram detidos” (DETTMAN, 2006). Entre 1965 e 1967, o governo mandou os homossexuais a campos de trabalho, denominados *Unidades Militares de Ajuda à Produção* (UMAP). Estas unidades eram “acampamentos de trabalho agrícola em regime militar, com cercas de quatro metros de arame farpado, onde os homossexuais e outros ‘marginais’ realizavam trabalho forçado nos canaviais” (MOTT, 2008).

Em 1971, foi promovida a:

Infeliz resolução do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de Cuba onde se decretou que “os desvios homossexuais representam uma patologia anti-social, não admitindo de forma alguma suas manifestações, nem sua propagação, estabelecendo como medidas preventivas o afastamento de reconhecidos homossexuais artistas e intelectuais do convívio com a juventude, impedin-

⁶ Tradução nossa: “En 1962, en ‘la noche de las tres P’, prostitutas, proxenetas y ‘pájaros’ (palabra despectiva para homosexual) fueron detenidos”.

do gays, lésbicas e travestis de representarem artisticamente Cuba em festivais no exterior". Foram então estabelecidas penas severas para "depravados reincidentes e elementos anti-sociais incorrigíveis". (MOTT, 2008)

Nesse clima de preconceito e discriminação, o governo cubano decidiu, em 1980, durante o êxodo massivo de Mariel, excluir a "escória" de Cuba. Nesse incidente, mais de 125.000 pessoas saíram do país, entre os quais estavam muitos deficientes mentais, presos comuns e homossexuais – estes últimos equiparados aos dois primeiros.

Entre 1986 e 1995, os infectados com o vírus da AIDS, muitos homossexuais, perderam o direito ao trabalho e foram obrigados a viver em sanatórios, dos quais só podiam sair com permissão especial durante um curto período de tempo (DETTMAN, 2006). Atualmente, os homossexuais recobram seus direitos junto ao governo, entretanto, a repressão e o preconceito dos quais foram vítimas nas décadas anteriores tornaram-se manchas que a história de Cuba não conseguirá apagar.

2. "Dentro de la Revolución todo, fuera de la Revolución nada"⁷

O conto *O lobo, o bosque e o homem novo*, de Senel Paz, foi escrito em 1990, está ambientado na cidade de Havana no-

⁷ Essa frase surgiu a partir do discurso *Palabras a los intelectuales* pronunciado por Fidel Castro em 1961, no qual expressou seu desejo de que toda produção artística concordasse com a ideologia revolucionária. A partir dessa ideia, a política cultural cubana tornava-se cada vez mais restritiva e, na primeira metade da década de 1970, a literatura cubana chegado ao ponto mais baixo de criatividade (DETTMAN, 2006).

final da década de 1970 e possui uma evidente ancoragem no momento histórico vivenciado por Cuba naquele período, permitindo que sejam estabelecidas leituras aproximando ficção e história; narrativa e crítica social. Nascido em uma pequena cidade chamada Fomento, “Senel Paz tinha oito anos naquele 31 de dezembro em que Fulgencio Batista abandonou o poder e fugiu da Ilha. O Che Guevara entrou em Havana dois dias depois, seis antes de Fidel Castro chegar à capital cubana. Portanto, Senel Paz é um típico filho da Cuba revolucionária” (NEPOMUCENO, 1994, p. 7), e como tal, conhece todos os benefícios e as mazelas do novo regime governamental.

Em *O lobo, o bosque e o homem novo*, o narrador em primeira pessoa, David, militante da juventude, relata-nos sobre sua inusitada amizade com Diego, um homossexual assumido: dois sujeitos distintos que conseguem influenciar um ao outro, em uma relação de aprendizado e troca. Para que possamos acompanhar a evolução da amizade entre os protagonistas, realizando aproximações com o contexto histórico da ilha, dividiremos nossa análise em três partes: o bosque, o homem novo e o lobo.

2.1 O bosque

O “bosque”, ou o espaço onde se desenvolve a narrativa, é a cidade de Havana do final da década de 1970. Historicamente, nesse período, o governo já colhia os frutos plantados desde 1960 na área educacional, uma vez que muitos cubanos de origem pobre frequentavam a universidade primando pelas áreas do saber relacionadas às ciências, à matemática, à agricultura e às engenharias, na tentativa de impulsionar o desenvolvimento do país.

O final da década de 1970 é considerado um momento bastante conturbado para a história de Cuba. O período antecedente, compreendido entre 1971 e 1976, ficou conhecido como o “quinqüênio cinza”, pois foi marcado por uma produção artística, no geral, medíocre que primava pelo compromisso com os ideais revolucionários, relegando o valor estético a um segundo, quiçá, terceiro plano: “A literatura deveria refletir e servir à política. Os escritores que não participavam dos fins ideológicos do governo corriam o risco de encarceramento ou de ostracismo”⁸ (DETTMAN, 2006). A arte só era bem aceita se estivesse voltada para os interesses do governo. Dessa forma, muitas publicações consideradas perniciosas para os ideais revolucionários foram proibidas, passando a circular apenas no mercado negro cubano. A degradação arquitetônica e a sujeira de Havana tornavam-se cada vez mais visíveis, pois Cuba contava com poucos recursos em virtude dos bloqueios impostos pelos Estados Unidos, investindo prioritariamente em educação e saúde, deixando a restauração e a manutenção da arquitetura da cidade em segundo plano.

Os homossexuais eram considerados seres inferiores que pautavam suas ações única e exclusivamente pelo desejo sexual, recebendo o desdém e o desprezo dos revolucionários. O mercado negro fortalecia-se cada vez mais, incorporando livros proibidos pelo governo, artigos religiosos, bebidas, comidas e roupas caras, na maioria das vezes vindas dos Estados Unidos. Havia um clima tenso, os avanços iniciais alcançados com as mudanças

⁸ Tradução nossa: “La literatura tenía que reflejar y servir a la política. Los escritores que no se ofrecían a los fines ideológicos del gobierno corrían el riesgo de encarceramiento o de ostracismo”.

realizadas pelo governo, que haviam ganhado a confiança da população, viviam um período de incerteza.

Todos estes aspectos são mencionados no texto de Paz através das considerações tecidas por David, enquanto narrador em primeira pessoa, e de suas conversas com Diego, compondo o espaço da narrativa através da reprodução do espaço real de Cuba do final da década de 1970. O ambiente descrito mostra-se extremamente desagradável para Diego que, por ser homossexual, é tido como um ser com menos capacidade e, por conseguinte, inferior aos olhos da grande maioria dos revolucionários. Já para David, Havana mostra-se cheia de oportunidades, pois sem a Revolução não teria conseguido estudar e mudar de vida.

2.2 O homem novo

David, o narrador, é o típico “homem novo” formado a partir dos ideais que nortearam a Revolução: teve a infância no campo e mais tarde passou a viver em Havana para estudar; integra a União de Jovens Comunistas, participando ativamente da vida política e apoiando o governo. David quer atender aos interesses do governo a quem é grato pela oportunidade de estudar, uma vez que sendo filho de camponeses pobres estava destinado a seguir o ofício de seus pais - esta é uma das conquistas pós 1959: ofertar educação a todos os setores da população. Esse sentimento de dever faz com que David se mantenha sempre atento sobre qualquer atitude que possa contrariar ou não atender os ideais revolucionários.

Essa personagem pouco ou quase nada conhece da literatura que não é autorizada pelo governo e da tradição cultural pré-

-revolucionária, pois crê que é a partir da Revolução que seu país deve se desenvolver. David tem fé no governo, aceitando seus desígnios sem os contestar. Acredita que o regime econômico de seu país seja o mais correto e o mais justo e tem plena certeza de que a igualdade de classes é uma realidade que pode ser alcançada. Entretanto, numa tarde, no “bosque” de Havana, David se depara com o “lobo”.

2.3 O lobo

Diego, apesar de seu interesse e respeito pela cultura cubana, concentra em si tudo o que a Revolução tentou eliminar: é homossexual, religioso, lê escritores proibidos, gosta de arte que não é engajada, enfim representa o “lobo”, ou seja, a ameaça aos ideais do governo:

Eu, primeiro: sou veado. Segundo: sou religioso. Terceiro: tive problemas com o sistema; eles pensam que neste país não há lugar para mim, e eu não aceito isso; eu nasci aqui; sou, acima de tudo, patriota e lezamista, seguidor absolutamente fiel do Mestre Lezama Lima, e daqui não saio nem que me toquem fogo no rabo. Quarto: fui preso quando ocorreu aquela história de repressão aos homossexuais. E quinto: os vizinhos me vigiam, observam quem me visita. (PAZ, 1994, p. 27-28)

Em seu primeiro encontro com David, o que motiva Diego é a atração sexual que sente pelo jovem rapaz, apesar de não ser correspondido. A convivência entre dois indivíduos tão contraditórios, no entanto, converte-se pouco a pouco em uma bela ami-

zade. No início, David evita ser visto com Diego, pois andar com um homossexual seria, além de virar motivo de piada, o mesmo que ir contra a ideologia revolucionária que os desprezava como seres inferiores, seres nos quais não se podia confiar, pois o que os movia, na perspectiva governamental, era pura e simplesmente o desejo sexual, por isso sua natureza os tornava subornáveis e traidores. Assim, os encontros ocorrem quase sempre no pequeno apartamento de Diego, a portas fechadas, distante dos olhares curiosos dos demais moradores da cidade.

Diego consegue livros estrangeiros, bebidas e alimentos, principalmente através do mercado negro, o que constitui, aos olhos do governo, uma traição aos ideais revolucionários. Sua educação é anterior a 1959 e por isso seu gosto artístico é muito diferente do gosto do jovem estudante. Diego estuda a cultura de seu país, faz pesquisas, arquiva documentos como plantas de prédios históricos, fotos de momentos históricos, constituindo um rico acervo, mas que não é valorizado por não possuir teor político.

Percebe-se nessa personagem não uma oposição ao governo, mas o desejo de auxiliar este, de participar, de construir uma nação melhor. Contudo, pela sua escolha sexual, pela sua perspectiva sobre a arte, pelos seus ideais, Diego é excluído das tomadas de decisão, sendo visto como uma nódoa desagradável que não se pode suprimir completamente:

Sei que a Revolução tem seu lado bom, mas comigo aconteceram muitas coisas ruins; além disso, tenho minhas próprias ideias. Pode ser que

eu esteja enganado, veja bem, e gostaria de discutir essas coisas, gostaria que me escutassem, que me explicassem. Estou disposto a conversar, a mudar de opinião. Mas nunca pude conversar com um revolucionário. Vocês só falam com vocês mesmos. Não se importam com o que os outros pensam. (PAZ, 1994, p. 36)

A imposição de valores e de condutas por parte do governo, e a impossibilidade do diálogo faz com que muitos “Diegos” fiquem de fora das decisões do país, ocupando um lugar marginal, sendo mal vistos e renegados pelos revolucionários. Ao longo do texto, Diego mostra que tem muito a contribuir para tornar Cuba um país melhor, mas que sequer é ouvido pelo governo.

Durante seus encontros com David, ele lhe empresta livros que foram proibidos, lê os textos produzidos pelo estudante, orienta-o sobre produções artísticas, enfim, oferta ao filho de camponeses um conhecimento que foi abolido das instituições desde a Revolução, além de tentar mostrar-lhe que sua opção sexual em nada interfere no seu caráter. David, por sua vez, defende os ideais revolucionários, tenta justificar as medidas tomadas pelo governo e, aos poucos, percebe em Diego um grande amigo e instrutor que não pode ser julgado por ser homossexual ou por cultivar crenças religiosas, mas que deve ser respeitado pelo conhecimento que possui e pela vontade de contribuir para o desenvolvimento do país:

(...) e então eu disse a ele (disse, não prometi) que o próximo Diego que cruzasse o meu caminho eu defenderia a ferro e fogo, mesmo que

ninguém me compreendesse, e que não iria tornar a me sentir mais distante de meu Espírito e de minha Consciência por causa disso, mas, ao contrário, porque, se entendi bem as coisas, isso era lutar por um mundo melhor para você, pioneiro, e para mim. (PAZ, 1994, p. 67)

Essa amizade entre as duas personagens pode ser vista como uma possibilidade de convivência pacífica, de troca de experiências, de um trabalho em conjunto em prol de um país justo e para todos. Ao superar seus preconceitos e aproximar-se de Diego, David percebe que a Revolução trouxe benefícios para a população, mas que ainda muito necessita ser melhorado e que os preconceitos precisam ser superados. Diego, ao final do conto, necessita sair de Cuba, pois suas posturas e crenças não tinham espaço na Havana daquele período. A decisão de deixar sua cidade natal representa o “complexo fenômeno dos exílios do século XX” (MARTÍNEZ, 2007, p. 135), os quais, apesar de suas distintas facetas em vários continentes, teriam como fator comum que os exilados, em sua maioria intelectuais, foram “obrigados a deixar seu país, afetados de maneira direta ou indireta por diversas formas de coerção política e ideológica, impedidos de levar adiante sua existência e, sobretudo, de expressar-se com liberdade”, escolhendo assim “o estranhamento, dada a sua desconformidade com a situação no ambiente de origem”⁹.

⁹ Tradução nossa: “El complejo fenómeno de los exilios del siglo XX (...): obligados a dejar su país, afectados de manera directa o indirecta por diversas formas de coherción política e ideológica, impedidos de llevar adelante su existencia y, sobre todo, de expresarse con libertad, (...) el extrañamiento, dada su disconformidad con la situación en el medio de origen”.

Em condição semelhante, no conto de Senel Paz, se encontra a personagem Diego. Entretanto, antes de partir, ele conseguiu mudar as percepções de David, mostrando que, de alguma forma, poderia colaborar com o desenvolvimento do país.

2.3.1 Lezama Lima

José Lezama Lima (Havana, 1910-1976) é considerado um dos maiores autores cubanos. Em *O lobo, o bosque e o homem novo*, a personagem Diego tem forte identificação com esse escritor, declarando-se “lezamista” e mencionando diversas vezes a obra *Paradiso* (1966). Essas duas referências (o autor e a obra) contribuem para a caracterização de Diego e para o fortalecimento da crítica à proibição de determinadas obras que se delineia ao longo de todo o conto. Quanto ao autor, “Lezama era homossexual, por si só problemático para os revolucionários, e toda sua obra expõe uma visão artística diametralmente oposta à do regime castrista. (...) Lezama pensava que a poesia consta de sua própria realidade e que só obedece suas próprias leis internas”¹⁰ (DETTMAN, 2006).

Diego também é homossexual, e compartilha da mesma visão artística que seu “mestre”. Conforme afirma Vargas Llosa (2006, p. 207), Lezama “era a favor de uma arte pura, minoritária e exclusiva, não estando a serviço de nada que não seja a imagem, o que contradiz com os ideais de artista engajado e

¹⁰ Tradução nossa: “Lezama era homossexual, de por sí problemático para los revolucionarios, y toda su obra expone una visión artística diametralmente opuesta a la del régimen castrista (...) Lezama pensaba que la poesía consta de su propia realidad y que sólo obedece sus propias leyes internas”.

comprometido do governo revolucionário”. O romance *Paradiso*, citado em vários momentos do conto, constitui-se em um exemplo dessa perspectiva de arte. Embora esse livro faça algumas referências às manifestações estudantis contra Gerardo Machado y Morales – presidente cubano, conhecido pela sua atuação ditatorial –, seu principal objetivo não é denunciar nem apoiar determinado regime político, mas sim abordar a questão artística enquanto capacidade criadora. O governo deteve a publicação desse romance e recolheu os exemplares que estavam nas livrarias cubanas por ele conter cenas eróticas homossexuais demasiadamente explícitas e por não atender aos ideais de arte considerados pertinentes pelos revolucionários.

Considerações finais

Cuba é um país que, pela sua trajetória histórica, desperta a curiosidade em todo o mundo. O texto de Paz, ao possibilitar a associação entre a ficção e a história desse país, permite o ingresso na “intimidade” cubana através de David, um narrador em primeira pessoa formado a partir dos ideais revolucionários. David é um jovem que mantém velhos preconceitos, que renega os homossexuais e que percebe a produção artística apenas a partir de sua utilidade. O contato com Diego (o lobo) cria a possibilidade de ver o outro lado da história de seu país, um lado que é ignorado pela grande maioria dos jovens que, como David, foram formados a partir dos ideais instaurados desde 1959.

As imposições do governo revolucionário, na tentativa de estabelecer um regime sólido apesar de todas as adversidades, criaram uma espécie de “carapaça” que, para se fortalecer, evita o diálogo

com diversos aspectos da realidade cubana. Diego representa esses aspectos, ao passo que David representa os ideais da Revolução. A amizade entre eles demonstra a busca de um equilíbrio, uma vez que David torna-se mais humano, mais aberto, mais compreensivo em relação às diferenças, enquanto Diego demonstra simpatia e vontade de contribuir com o ideal revolucionário. Esse equilíbrio representa uma forma de humanizar o governo, de realmente criar um governo para todos, valorizando aspectos positivos de Cuba que eram relegados a um segundo plano, encontrando um lugar para os homossexuais em defesa de uma convivência pacífica em que todos trabalham para o crescimento.

Referências

ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções: Movimentos políticos que mudaram o mundo*. Tradução: Gilson Batista. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AYERBE, Luís Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CASTRO, Fidel. *A história me absolverá*. Tradução: Pedro Pomar. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

DETTMAN, Jonathan. La historia en Contexto. In: NORTHERN ARIZONA UNIVERSITY. *El lobo, el bosque y el hombre nuevo de Senel Paz: una versión anotada para el estudiante de literatura*. Introdução e anotações de Jonathan Dettman. Primavera de 2006. Disponível em: <<http://www.hamalweb.com.ar/ellobo.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

MARTÍNEZ, María Victoria (ed.). *Migraciones y escritura: pasado y futuro, lengua y nación*. Córdoba: Univ. Nacional de Córdoba, 2007.

MOTT, Luiz. A repressão dos homossexuais em Cuba. *Blog Social Português*. 26 fev. 2008. Disponível em: < <http://blogosocialportugues.blogspot.com/2008/02/situao-dos-homossexuais-em-cuba.html>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

NEPOMUCENO, Eric. Senel Paz: Notas para um perfil. In: PAZ, Se-

nel. *O lobo, o bosque e o homem novo*. Tradução: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 7-15.

PAZ, Senel. *O lobo, o bosque e o homem novo*. Tradução: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

VARGAS LLOSA, Mario. *Dicionário amoroso da América Latina*. Tradução: Wladir Dupont e Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: EDIUIURO, 2006.

Artigo recebido em 15/02/2011 e aprovado em 10/03/2011.

